

# AYAHUASCA E REDUÇÃO DO USO ABUSIVO DE PSICOATIVOS: EFICÁCIA TERAPÊUTICA?<sup>1</sup>

Rafael Guimarães dos Santos<sup>2</sup>

## Histórico

A palavra *ayahuasca* tem origem na língua *Quéchua*, e significa, dentre outras, “cipó dos mortos”, ou “vinho dos espíritos”, em referência às espécies utilizadas como base da preparação do psicoativo, utilizado por vários grupos indígenas da Amazônia Ocidental<sup>3</sup>. O termo refere-se a diferentes elementos: força espiritual que estaria presente na substância e à própria substância<sup>4</sup>. Este psicoativo foi e ainda é utilizado para os mais diversos fins: terapêuticos, mágicos e políticos, sendo difícil uma completa separação entre estes usos<sup>5</sup>.

Desde do século XIX, a ayahuasca vem sendo utilizada por populações não indígenas<sup>6</sup>. Por volta de 1930, em Rio Branco-AC, foi criada por Raimundo Irineu Serra a religião do Santo Daime, culto que consagra a ayahuasca em rituais com influências do catolicismo popular, do espiritismo kardecista, dos cultos afro e do xamanismo<sup>7</sup>. Na década de 40 foi fundada, por Daniel Pereira de Mattos, também em Rio Branco, a Barquinha, religião ayahuasqueira também formada com elementos indígenas, cristãos e afro-brasileiros, com uma maior influência da Umbanda<sup>8</sup>. E em 1961 foi fundada por José Gabriel

---

<sup>1</sup> Texto apresentado e publicado no *II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas*; simpósio temático *Fenômenos Religiosos y Fenômenos Médicos*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, abril de 2006.

<sup>2</sup> Biólogo; Mestre em Psicologia – Processos Comportamentais (UnB, Brasília-DF, Brasil); Doutorando em Farmacologia (UAB, Barcelona, Espanha).

<sup>3</sup> Luna, L. E. (1986). *Vegetalismo: shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*. Studies in Comparative Religion, Almqvist and Wiksell International, Stockholm.

<sup>4</sup> Groisman, A. (2000). *Santo Daime in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Londres, Londres.

<sup>5</sup> Schultes, R. E. & Raffauf, R. F. (2004). *Vine of the soul: Medicine men, their plants and rituals in the Colombian Amazonia*. 2<sup>o</sup> ed. New Mexico: Synergetic Press.

<sup>6</sup> Araújo, M. G. J. (2004). Cipó e Imaginário entre Seringueiros do Alto Juruá. *Revista de Estudos da Religião 1*, 41-59. Retirado em 21/08/2005, da REVER (*Revista de Estudos da Religião*), <http://www.pucsp.br/rever>.

<sup>7</sup> Labate, B. C. & Araújo, W. S. (Orgs.). (2004). *O uso ritual da ayahuasca*. 2<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. 736p.

<sup>8</sup> Frenopoulo, C. (2004). The mechanics of religious synthesis in the Barquinha religion. *Revista de Estudos da Religião 1*, 19-40. Retirado em 21/08/2005, da REVER (*Revista de Estudos da Religião*), <http://www.pucsp.br/rever>.

da Costa, em Porto Velho-RO, a União do Vegetal (UDV), a maior e mais organizada das religiões ayahuasqueiras, cujos ensinamentos são baseados em uma doutrina cristã-reencarnacionista permeada por elementos do espiritismo kardecista<sup>9</sup>. Existem também os neo-ayahuasqueiros, grupos marcados por uma influência de orientalismos, vocabulários do universo *New Age* e da Psicologia<sup>10</sup>. Os usos religioso-institucionais da ayahuasca se encontram hoje em vários países, como Espanha, Holanda, Estados Unidos e Japão<sup>11</sup>.

### **Ayahuasca, xamanismo e o uso problemático de psicoativos**

O que caracteriza o uso abusivo de psicoativos não é, necessariamente, a quantidade e a frequência de uso, que poderiam atuar num nível mais *primário* (biológico) do indivíduo, mas sim as desarmonias psicossociais (p. ex. estigmatização), ou seja, que atuam num nível *secundário*.

Existem vários relatos na literatura sobre os possíveis efeitos benéficos do uso de alucinógenos como auxílio na dependência ou no uso problemático de certos psicoativos, sobretudo o álcool<sup>12</sup>. Várias substâncias desta classe foram aplicadas e testadas no contexto psicoterapêutico, médico e em práticas “psicoespirituais”, ou seja, práticas que buscam a reestruturação do indivíduo através de um estado de consciência que seria semelhante aos êxtases espontâneos conhecidos como *unio mystica*, *samadhi* ou *satori*<sup>13</sup>. Como exemplo destas práticas pode-se citar a terapia *psicodélica*, onde, após uma intensa preparação, é administrada uma única dose do psicoativo, dose esta bastante alta, visando desencadear uma experiência místico-espiritual e, a partir daí, elaborar as mudanças cognitivo-comportamentais necessárias; e a terapia *psicolítica*, onde pequenas doses são

---

<sup>9</sup> Brissac, S. (1999). *Alcançar o Alto das Cordilheiras: A vivência mística de discípulos urbanos da União do Vegetal*. Trabalho apresentado em IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Labate, B. C. (2004). *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

<sup>11</sup> Lima, E. G. C. (2004). *O uso ritual da Ayahuasca: da Floresta Amazônica aos centros urbanos*. Monografia de Bacharelado em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília.

<sup>12</sup> Carneiro, H. (2005). A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. Em B. C. Labate & S. L. Goulart (Orgs.), *O uso ritual das plantas de poder* (pp. 57-81). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

<sup>13</sup> Schultes, R. E. & Hofmann, A. (1992). *Plants of the gods: their sacred, healing, and hallucinogenic powers*. Rochester: Healing Arts Press.

administradas ao longo do tempo, intercaladas por psicoterapias baseadas em grande parte no modelo psicanalítico<sup>14</sup>.

Esta opção de se utilizar certos psicoativos no tratamento do uso abusivo de outros psicoativos também ocorre em grupos indígenas afetados pelo álcool. Como exemplos, pode-se citar o uso de cactos contendo mescalina por parte dos curandeiros peruanos, uma prática com uma alta taxa de sucesso (por volta de 60%, após cinco anos), e a recuperação de práticas ancestrais, incluindo o uso do peiote, por grupos indígenas norte-americanos<sup>15</sup>. O uso religioso de certos vegetais como o peiote nos EUA e México, a iboga na África, e a ayahuasca no Brasil e na Amazônia Ocidental, continua sendo praticado com uma certa liberdade e autonomia<sup>16</sup>.

Pesquisa realizada com 15 membros da União do Vegetal que bebiam a ayahuasca por pelo menos 10 anos<sup>17</sup> demonstrou, entre outras coisas, que de acordo com os critérios da CID-10 e DSM-III-R, cinco dos examinados tinham antecedentes de desordens formais por abuso de álcool; onze examinados tinham uma história de uso moderado a severo de álcool anterior à sua entrada na UDV, com cinco deles referindo episódios associados com comportamento violento (dois deles tinham sido presos por causa de sua violência). Além destes dados, este estudo evidenciou que quatro indivíduos também relataram envolvimento anterior com abuso de outros psicoativos, incluindo cocaína e anfetamina, e que oito dos onze examinados com histórias anteriores de álcool e abuso de outros psicoativos eram dependentes de nicotina na época do seu primeiro encontro com a UDV.

Avaliações de diagnóstico psiquiátrico revelaram que, apesar de uma porcentagem apreciável de usuários terem tido desordens relativas ao álcool anteriores à sua iniciação na UDV, as desordens tinham remitido sem recaídas depois de ingressarem na religião. Os examinados referiram que desde sua entrada na UDV suas vidas passaram por mudanças

---

<sup>14</sup> Grob, C. S. (2002). *Hallucinogens: a reader*. New York: Tarcher/Putnam.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Furst, P. T. (1994). *Alucinogenos y cultura*. México: Fondo de Cultura Económica.

<sup>17</sup> Grob, C. S., McKenna, D. J., Callaway, J. C., Brito, G. S., Neves, E. S., Oberlaender, G., Saide, O. L., Labigalini, E., Tacla, C., Miranda, C. T., Strassman, R. J., & Boone, K. B. (2004). Farmacologia humana da Hoasca, efeitos psicológicos. Em B. C. Labate & W. S. Araújo (Orgs.), *O uso ritual da ayahuasca* (pp. 653-669). 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

profundas. Além da total descontinuidade do abuso de psicoativos, os sujeitos enfaticamente afirmaram que sua conduta diária e orientação para o mundo à sua volta tinham tido radical reestruturação.

Labigalini<sup>18</sup> desenvolveu uma pesquisa com quatro indivíduos que apresentavam dependência severa ao álcool, dois deles também dependentes de cocaína, e que remeteram poucos meses após começarem a freqüentar os rituais da UDV. A conclusão do trabalho foi a de que os indivíduos não trocaram a dependência ao álcool por outra dependência. Ficou evidenciado que o uso de ayahuasca que esses indivíduos passaram a fazer não possuía contornos psicopatológicos de uma compulsão. Esta compulsão também não foi encontrada na relação destes indivíduos com a instituição religiosa, nem com o grupo. Labigalini apontou os seguintes fatores como variáveis importantes na melhora dos sujeitos: as características do estado de consciência vivenciados com a ayahuasca, inserção social em um novo grupo e estruturação e regulação dos rituais através sanções sociais.

Ainda neste contexto, vale citar o Centro Takiwasi, no Peru. Neste centro, curandeiros, médicos e psicólogos exploram os potenciais do racionalismo ocidental juntamente com as tradições amazônicas, utilizando dietas, vida comunitária, psicoterapia e a ayahuasca, desenvolvendo métodos alternativos para lidar com o uso abusivo de psicoativos, principalmente a pasta base de cocaína<sup>19</sup>.

“Após 15 anos de observação de mais de oito mil casos de ingestão da Ayahuasca sob condições específicas de preparação, prescrição e acompanhamento terapêutico, nós podemos afirmar que a ingestão destas preparações possui uma ampla variedade de indicações, com uma total ausência de dependência. A expansão do espectro perceptual, que simultaneamente envolve o corpo, as sensações e os pensamentos, permite a des-

---

<sup>18</sup> Labigalini, E. (1998). *O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool - um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

<sup>19</sup> Mabit, J. (1996a). Takiwasi: *Ayahuasca and Shamanism in Addiction Therapy*. *MAPS Newsletter* 6(3). Retirado em 21/08/2005, da MAPS (*Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies*), <http://www.maps.org/news-letters/v06n3/06324aya.html>; Mabit, J. (1996b). Takiwasi: *Ayahuasca and Shamanism in Addiction Therapy*. *MAPS Newsletter* 6(3). Retirado em 21/08/2005, da MAPS (*Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies*), <http://www.maps.org/news-letters/v06n3/06327tak.html>.

focalização da percepção ordinária da realidade, proporcionando ao sujeito a possibilidade de confrontar seus problemas habituais por conta própria e sob uma nova perspectiva”.<sup>20</sup>

Pretendemos investigar, através da análise fenomenológica da entrevista e de observações participantes, o caso de uma jovem que abandonou o uso problemático de álcool, cocaína e nicotina após conhecer a ayahuasca. Ela apresentou-se como voluntária para a realização de uma pesquisa sobre os aspectos legais, históricos e religiosos da ayahuasca, trabalho este que partiu dos estudos do grupo Arché – Programa de Pesquisas em Psicologia e Fenomenologia da Religião e da Espiritualidade –, que se encontra atualmente vinculado ao Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise, do Departamento de Psicologia Clínica, no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB).

### **Metodologia**

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a relação entre o uso da ayahuasca por pessoas que faziam um uso abusivo de outras substâncias e o posterior abandono ou controle deste comportamento. Posteriormente, tivemos contato com Maria (nome fictício), jovem desinibida com 20 anos na época e que se apresentou como universitária *com pendores artísticos*, membro de um grupo que utiliza a ayahuasca ritualmente, e voluntária na pesquisa mais ampla sobre a ayahuasca. Maria começou nos ajudando no levantamento de documentos sobre as religiões ayahuasqueiras e nas semanas subseqüentes permitiu que fizéssemos uma entrevista sobre sua experiência pessoal com o chá. Esta entrevista foi norteadada por perguntas abertas, tais como: “O que é a ayahuasca para você?”, “Como foi a sua primeira experiência com a ayahuasca?”, “Com que finalidade você utiliza a ayahuasca?”. Esta entrevista foi gravada, transcrita e posteriormente analisada.

Embora tenham sido vários os temas abordados com Maria, chamou a atenção o fato de que ela fazia um uso abusivo de certos psicoativos e que este comportamento se remitiu pouco tempo após conhecer a ayahuasca. Além disso, Maria passou por uma

---

<sup>20</sup> Mabit, J. (2002). Bleding Traditions - Using Indigenous Medicinal Knowledge to Treat Drug Addiction. *MAPS Newsletter* 12(2), 25-32. Retirado em 21/08/2005, da MAPS (*Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies*), <http://www.maps.org/news-letters/v12n2/12225mab.html>, pg. 28.

transformação radical em seus valores e atitudes. Este trajeto foi descrito com detalhes em sua entrevista e, a partir disso, foi feito um recorte enfocando a relação entre o abandono do uso de álcool, cocaína e nicotina e o início do uso religioso da ayahuasca. O rico material proveniente deste recorte foi re-analisado e comparado com a literatura sobre o assunto, buscando avaliar os elementos significativos da experiência de Maria nos estados alterados de consciência proporcionados pelo uso da ayahuasca em contexto ritualizado.

### **Resultados e discussão**

A transcrição integral da entrevista ficaria muito longa para os limites deste artigo. Por isso, apenas trechos mais importantes serão transcritos, mas a experiência será relatada como um todo. As palavras textuais da entrevistada foram assinaladas em itálico.

Maria apresentou-se como uma jovem de vida turbulenta, caracterizada pela *busca de algo*, envolvimento com certos psicoativos e com pessoas que *não eram muito legais*. Ela havia consumido cocaína por dois anos consecutivos *quase todo dia*, além do álcool e da nicotina. Não gostava de religião. Maria já tinha uma intenção, uma iniciativa pessoal de parar de usar os outros psicoativos. Durante uma crise de abstinência ela viu a oportunidade de conhecer a ayahuasca que, segundo ela, a *salvou*. Em seu primeiro contato o chá – caracterizado por ela como a experiência mais forte e poderosa – Maria relatou vivências místico-religiosas, alteração de percepções e de emoções, medo de morrer, reações somáticas intensas como vômito, choro e tosse, além de abreações e catarses.

Estas experiências, vividas em um local onde se realizam periodicamente cerimônias com a ayahuasca, estavam culturalmente contextualizadas e sancionadas, permeadas por conceitos próprios e, de certo modo, eram estimuladas. As reações somáticas foram explicadas para e encaradas por Maria como sendo um processo de *limpeza*, onde, juntamente com as demais experiências sensorial-cognitivas, a vivência pode ser integrada, permitindo a reavaliação de comportamentos, valores e atitudes anteriores de Maria.

*E eu vomitei muito nesse momento, e quando eu ia vomitando eu não vomitava coisa do estômago, eu vomitava álcool, e sentia cheiro de álcool. Eu cheirei muita cocaína e eu tive nesse momento de limpeza um dos momentos mais fortes da minha vida, mais incríveis*

*porque foi uma potência de informação do meu ser e uma limpeza. (...) Senti minha garganta arranhar, minha cabeça doía e adormeceu minha boca e eu não forcei nada pra sair do meu nariz, simplesmente saiu uma placa branca, uma placa assim no chão e eu “Isso aqui é cocaína”, “Me limpou!”. Depois disso eu comecei a chorar muito, mas eu chorava de alegria, eu tava me sentindo tão bem (...). Eu pensei na minha família, quanto tempo que eu não tinha uma relação legal com eles sabe? (...) Regressão, lembrei da minha infância (...) Tava uma noite linda, uma lua cheia maravilhosa, eu nunca tinha percebido o tanto que a natureza é linda... naquele momento eu percebi que é de lá que eu vim. (...) Eu me senti viva naquele momento. Foi como se eu tivesse acordado pra vida sabe?*

Pode-se perceber uma enorme carga emocional depositada em três momentos: religação com os valores familiares, integração com a Natureza e, principalmente, durante os processos de *limpeza*. Nestes últimos, o que mais chama a atenção são as percepções do cheiro de álcool e da visão da placa de cocaína que teria saído de seu nariz. Independente de se classificar o que ela passou como sendo sinestesia<sup>21</sup>, alucinação, imaginação ou se ela *realmente* sentiu o cheiro de álcool ou se ela *realmente* viu cocaína, o que deve ser levado em consideração é o potencial transformativo desta experiência. Tal vivência se assemelha às psicoterapias psicodélicas praticadas nos anos 60, que visavam uma mudança radical de valores e atitudes perante os outros, o mundo e consigo mesmo<sup>22</sup>.

Maria parece atribuir grande responsabilidade por sua “cura” a si mesma, à ayahuasca e a colocar em prática aquilo que aprendeu nos rituais. Mesmo não menosprezando o possível papel do acolhimento em um contexto religioso, da mudança de amizades e da melhora das relações interpessoais como prováveis causas de sua mudança de comportamento, Maria diz que *foi o vegetal* (nome da ayahuasca naquele contexto). No estudo de Grob<sup>23</sup>, encontramos paralelos entre as experiências relatadas pelos membros da

---

<sup>21</sup> Novo Aurélio (1986): “A relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente (por exemplo, um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem, etc)”.

<sup>22</sup> Grof, S. (2001). *LSD psychoterapy*. 3ª ed. Sarasota, Florida: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies.

<sup>23</sup> Grob, C. S., McKenna, D. J., Callaway, J. C., Brito, G. S., Neves, E. S., Oberlaender, G., Saide, O. L., Labigalini, E., Tacla, C., Miranda, C. T., Strassman, R. J., & Boone, K. B. (2004). *Farmacologia*

UDV e aquelas descritas por Maria. Todos os examinandos da UDV relataram que suas experiências com a ayahuasca tiveram um profundo impacto em suas vidas. Para muitos deles o ponto crítico foi sua primeira experiência, quando relatam como tema comum a vivência de se estar num caminho autodestrutivo que os conduziria inevitavelmente à sua própria ruína e mesmo à morte, ao menos que embarcassem numa mudança radical de sua conduta pessoal, o que é semelhante aos relatos registrados por Labigalini:

“Através das entrevistas foi possível perceber que os indivíduos entrevistados relatavam que no período em que estavam usando álcool e outras drogas sentiam muita ansiedade e apresentavam dificuldades emocionais importantes em suas vidas. No entanto, ao começarem a freqüentar os rituais da UDV e beberem a ayahuasca, referiram que passaram por mudanças profundas a partir de um contato direto com aspectos difíceis de suas personalidades”.<sup>24</sup>

Em relação à dependência pelo álcool, estudos realizados com inibidores de recaptação de serotonina com ratos dependentes de álcool demonstraram que havia uma redução importante no consumo de álcool após tratamento com estes agentes<sup>25</sup>. No caso da ayahuasca, um de seus alcalóides – a tetrahydroharmina – teria a capacidade de inibir a recaptação de serotonina<sup>26</sup>, que poderia reduzir o consumo de álcool em humanos. Logo, valeria a pena explorar o possível papel do chá *per se* como um agente farmacologicamente eficaz no auxílio do tratamento de dependência ou uso problemático de psicoativos.

## Conclusões

Segundo alguns pesquisadores, a consciência religiosa seria biologicamente natural à espécie humana, tendo se desenvolvido através do processo de seleção natural, pois teria

---

humana da Hoasca, efeitos psicológicos. Em B. C. Labate & W. S. Araújo (Orgs.), *O uso ritual da ayahuasca* (pp. 653-669). 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

<sup>24</sup> Labigalini, E. (1998). *O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool - um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, pg. 58-59.

<sup>25</sup> Labigalini, E. (1998). *O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool - um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

<sup>26</sup> McKenna, D. J., Callaway, J. C. & Grob, C. S. (1998). The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research. *The Heffer Review of Psychedelic Research* 1, 65-77. Retirado em 21/08/2005, do EROWID, [http://www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/ayahuasca\\_journal3.shtml](http://www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/ayahuasca_journal3.shtml); Frecska, E., White, K. D. & Luna, L. E. (2004). Effects of ayahuasca on binocular rivalry with dichoptic stimulus alternation. *Psychopharmacology* 173, 79-87.



valor de adaptação e subsistência para o indivíduo, pois estas experiências seriam potencialmente adaptativas e ligadas à solução de problemas e à criatividade, porque a partir de uma tensão, proporcionariam uma reestruturação cognitiva<sup>27</sup>.

Pode-se contemplar a experiência de Maria como uma capacidade e possibilidade intrínseca do ser humano, onde, numa situação de aparente caos corporal e mental, o corpo-mente tem a capacidade de se adaptar de maneira criativa, valendo-se de seus mecanismos endógenos para voltar ao equilíbrio. Neste sentido, traçam-se paralelos com experiências de quase-morte ou de ameaça à existência do indivíduo<sup>28</sup>. Nestas, o indivíduo pode ver sua própria morte com uma nitidez e realismo tão intensos que ele pode acreditar que está realmente morrendo. Estas passagens são situadas no modelo de Grof<sup>29</sup> no nível transpessoal, sendo caracterizadas por elementos de criação e destruição do mundo, experiências filogenéticas, seqüências de morte e renascimento, visões de seres celestiais e/ou infernais. Segundo Grof, estas experiências possuem potencial transformativo, se realizadas com a devida supervisão, preparação e cuidado, por parte tanto do indivíduo como da pessoa que orienta o processo.

De acordo com Lumby<sup>30</sup>, a eficácia das experiências de quase-morte no tratamento de pessoas que fazem um uso problemático e abusivo de psicoativos estaria em sua capacidade de desencadear *insights* sistêmicos e orientações cognitivas explícitas características da consciência humana quando esta se encontra perante uma situação imediatamente ameaçadora à sua existência. Neste estado de consciência, a pessoa teria a oportunidade de vivenciar uma morte-simbólica, onde seus valores e comportamentos seriam questionados e, após a experiência, os *insights* poderiam ser vislumbrados e direcionados para uma nova prática cotidiana.

---

<sup>27</sup> Amatuzzi, M. M. (1998). A Experiência Religiosa: estudando depoimentos. *Estudos de Psicologia*, 15(2),3-27.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Grof, S. (2001). *LSD psychoterapy*. 3ª ed. Sarasota, Florida: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies.

<sup>30</sup> Lumby, M. (1998). Religions of the Twice-Born: Northwest Amazonian Ayahuasca Shamanism and Near-Death Experience. *MAPS Newsletter* 8(3), 16-17. Retirado em 21/08/2005, da MAPS (Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies), <http://www.maps.org/newsletters/v08n3/08316lum.html>.

*...é como entrar numa nave (...). ... você sai de um contexto de coisas que você transformou pra você, pra sua vida, coisas que você vai adquirindo ao longo dos anos. Uma coisa material mesmo, “isso é certo, isso é errado”, “você tem que aprender isso porque se não você não vai ser ninguém na vida”. Naquele momento que eu bebi o vegetal, percebi que a gente faz tanta coisa que é inútil pra nossa vida, e agente se mata por conta dessas coisas, e esquece de dar valor pras coisas que realmente são importantes.*

O acesso que tivemos da experiência de Maria possui a complicação de ser um relato de um evento passado, permeado por elaborações e interpretações feitas pela entrevistada. Tal complexidade pode ter sido permeada pelas ideologias e crenças de Maria, pois ela teve tempo para lembrar, re-lembrar, conceituar e, inclusive, desenvolver uma linguagem religiosa que não possuía antes da experiência. Entretanto, no nível da experiência religiosa e conseqüentes efeitos na vida diária, o que importa é o significado e a compreensão que a experiência desencadeou. No caso, o sentido parece ter sido o de uma experiência do numinoso, a experiência esmagadora do *mysterium tremendum et fascinans*, de Sentido Radical, segundo Vaz (conforme citado por Amatuzzi).

De maneira geral, podemos concluir que o abandono do uso problemático de certos psicoativos por parte de Maria foi uma experiência radical, com efeitos de longo prazo e que não parece possuir nenhuma característica de “troca de um psicoativo por outro” ou de dependência da instituição, embora Maria tenha passado por um processo de conversão religiosa. Maria afirma nunca mais ter sentido vontade de consumir álcool ou cocaína, embora confessasse ainda sentir vontade de fumar tabaco (na época da pesquisa Maria estava há 2 meses sem fumar). Tudo isso ocorreu dentro de um processo, numa transformação que dialoga com os acontecimentos ao redor do indivíduo, não podendo ser reduzido nem a um aspecto estritamente místico-religioso, nem estritamente farmacológico (possível efeito da ayahuasca *per se*).

Para finalizar, com a palavra, Maria:

*Porque hoje em dia eu dou muito mais valor na vida do que pessoas que nunca passaram por situações que eu passei.*